

A CAPOEIRA NA SOCIEDADE DAS MERCADORIAS

*Francisco Márcio Costa da Silva
Élido Santiago da Silva*

Resumo: O presente trabalho leva em consideração que a Capoeira é uma prática originada na diáspora como forma de se contrapor a um sistema opressor (o escravista) e se consolidou no Brasil com o passar dos anos, se fazendo presente internacionalmente em mais de 150 países. Assim, o objetivo deste consiste em entender como uma prática secular se mantém na atualidade frente ao sistema capitalista, que transforma tudo em mercadoria. Nesse sentido, foi utilizado o pensamento marxista para compreender como a Capoeira se mantém enquanto prática (re)existindo ao tempo e as mudanças estruturais impulsionadas por tal sistema. Após identificação dos subsídios que configuram o que é mercadoria na sociedade capitalista, concluiu-se que a Capoeira foi obrigada a se transformar em produto para atender uma demanda funcionalista da sociedade contemporânea, mas mantém sua essência de resistência através de sua atuação plural (cultural, lúdica e desportiva) garantindo então sua permanência na sociedade vigente.

Palavras-chave: capoeira; mercadoria; capitalismo; resistência.

CAPOEIRA IN THE SOCIETY OF COMMODITIES

Abstract: The present study takes into account Capoeira, a practice originated in the diaspora, as a tool to oppose slavery, and that was consolidated in Brazil over the years and has also become present internationally in more than 150 countries. Thus, the objective of this work is to investigate how such secular practice is able to keep up with the times in the face of the capitalist system that transforms everything into commodities. Based on this, we used Marxist theory in order to understand in which way Capoeira stays true to its nature as a practice that keeps (re)existing over time and find which structural changes were driven by said system. After identifying the subsidies that configure what commodities are in a capitalist society, it was concluded that Capoeira was forced to transform itself into a sort of product to meet a functionalist demand from contemporary society, but maintains its essence of resistance through its plural action (cultural, recreational and athletic) thus guaranteeing its permanence in current society.

Keywords: capoeira; commodities; capitalism; resistance.

CAPOEIRA EN LA SOCIEDAD DE LAS MERCANCIAS

Resumen: Esta investigación considera que la Capoeira es una práctica originada en la diáspora como modo de contraponerse a un sistema opresor (esclavista) y se ha consolidado en Brasil con el paso de los años, haciéndose presente intencionalmente en más de 150 países. Así, el objetivo de esta investigación consiste en entender como una práctica secular se mantiene en la actualidad frente al sistema capitalista al que todo se vuelve en mercancía. En este sentido, se ha utilizado el pensamiento marxista para comprender como la Capoeira se mantiene como práctica (re)existiendo al tiempo y a los cambios estructurales impulsados por este sistema. Después de la identificación de los subsidios que configuran lo que es mercancía en la sociedad capitalista, se concluye que la Capoeira fue obligada a volverse en un producto para atender una demanda funcionalista de la sociedad contemporánea, pero mantiene su esencia de resistencia a través de su actuación plural (cultural, lúdica y deportiva) garantizando entonces su permanencia en la actual sociedad.

Palabras clave: capoeira; mercancía; capitalismo; resistencia.

INTRODUÇÃO

O presente texto traz como objeto de estudo a Capoeira e suas configurações na sociedade contemporânea levando em consideração que sua permanência e subsistência é determinada diretamente pelo sistema vigente, o capitalista. Partindo do ponto em que a Capoeira é uma manifestação brasileira, que mesmo com discussões acerca da sua originalidade, ainda assim se apresenta nacional e internacionalmente como uma das propulsoras da cultura brasileira, tal qual o samba, o candomblé, dentre outras manifestações genuinamente brasileiras (BRITO, GRANADA, 2020).

Fazendo uma menção sucinta no que se refere a Capoeira enquanto fenômeno sociocultural, faz-se necessário expor que a prática é oriunda da diáspora e tem seu surgimento no cenário brasileiro ainda na época escravista em que o povo negro foi escravizado e sequestrado de sua terra natal. A Capoeira surge como uma prática de autodefesa (ABIB, 2004) para se contrapor as violências sofridas durante o cárcere e que logo após a dita libertação a Capoeira passa para um outro momento em que se configura como herança dos antepassados como símbolo de resistência e passa então a protagonizar episódios de lutas, roubos e até assassinatos (especialmente na cidade do Rio de Janeiro) o que a levou para o código penal no período republicano (NATIVIDADE, 2012), saindo somente após 40 anos.

Desde então a Capoeira vem passando por processos adaptativos que garantiram sua sobrevivência até a atualidade. É justamente esse processo de subsistência ao qual a mesma foi submetida que será tratado aqui sob a égide de que no sistema vigente (o capitalista) dita as regras de quem vive em que morre, e para a Capoeira (e/ou qualquer prática) não foi diferente.

Nesse sentido, será utilizado e exposto o pensamento marxiano que descreve e explica como o sistema capitalista se configura enquanto determinante para o desenvolver das ações no ambiente social. Para isso serão utilizados o próprio Marx e parte de suas produções, assim como Mészáros, para mostrar que o modo de funcionamento do capital identificado por Marx a sua época ainda reverbera na sociedade vigente sendo determinante nas ações protagonizadas pelos sujeitos em seus modos de sobrevivência – serão utilizados também outros autores que ratificam esse pensamento.

Também será exposto nesse escrito que as razões pelas quais a Capoeira se mantém na atualidade é devido a sua capacidade de resistência atrelada ao seu caráter plural que permitiu se metamorfosear junto as mudanças e demandas que lhes foram impostas ao longo de sua trajetória e que com isso permitiu sua presença hoje em academias, escolas, clubes e universidades (FALCÃO, 2004; SILVA, 2008).

Quando exposto acerca do sistema capitalista e suas demandas é levando em consideração que sua inalterabilidade (MESZAROS, 2005) e sua contundência transcendem os mais diversos campos, sejam eles culturais e/ou de qualquer natureza. Para se manter vivo em determinado segmento uma prática precisa obedecer a uma ordem originada no capital, uma vez que seu caráter incontrolável (MESZAROS, 2005) faz com que essa adaptação aconteça sob pena de desaparecimento.

Assim, será exposto como se forma a mercadoria no sistema capitalista, levando em consideração os condicionamentos do sistema citado, que faz com as mesmas sejam consumidas e repostas em um processo interminável. Nesse cenário traz-se a Capoeira enquanto prática que foi condicionada a aderir a essa lógica pautada no estruturalismo e fazendo parte do metabolismo do capital (MÉSZÁROS, 2005).

A mercadoria no sistema do capital

O objetivo dessa seção é expor o conceito de mercadoria no sistema capitalista e sua relação com a prática da Capoeira na sociedade vigente. Nesse intuito serão utilizados os pensamentos de Marx como teórico principal sob a justificativa de que o mesmo é o mais indicado quando se aborda a complexidade do sistema capitalista dada sua contribuição no processo de entendimento de tal sistema. Contudo, serão trazidos também, os pensamentos de outros autores a título de subsidiar a explanação acerca das mercadorias e suas nuances.

Assim, inicia-se acerca de entender como funciona o processo de composição de uma mercadoria e quais os parâmetros obedecidos. Para isso, serão utilizadas as próprias palavras de Marx em “O Capital”, como segue:

As mercadorias vêm ao mundo na forma de valores de uso ou corpos de mercadorias, como ferro, linho, trigo etc – Essa é sua forma natural originária. Porém, elas só são mercadorias porque são algo duplo: objetos úteis e, ao mesmo tempo, suportes de valor. Por isso, elas só aparecem como mercadorias ou só possuem a forma de mercadorias na medida em que possuem esta dupla forma: a forma natural e a forma de valor (MARX, 2008 p. 105).

Ainda em Marx (2008), o mesmo relaciona trocas, valores, dinheiro e demais elementos que compõem a tessitura do capital na sociedade, trazendo que é um universo cheio de complexidades e que é preciso perceber que o nível denso das relações não se pode expor de maneira simplista, mas necessita-se de uma sensibilidade para cada elemento, uma vez que os mesmos se relativizam e criam suas próprias correlações, e é o que obriga necessariamente um olhar mais minucioso acerca de tais relações e suas constituições, como segue:

[...] o processo de troca das mercadorias inclui relações contraditórias e mutuamente excludentes. O desenvolvimento da mercadoria não elimina essas contradições, porém cria a forma em que elas podem se mover. Esse é, em geral, o método com que se solucionam contradições reais. (MARX, 2008, p.141)

Destaca-se aqui também como se dá o processo relacional do homem nas suas práticas cotidianas acerca de como proceder frente à sociedade do capital. É necessário discernir que quando mencionado as ações do sujeito, refere-se de pronto a sua sobrevivência e os meios aos quais este elencou (ou foi obrigado) para garantir sua subsistência. É neste aspecto que se pontua aqui os primórdios das mercadorias como fundamental influência nas práticas cotidianas, evidenciando que tal condição não se restringe à contemporaneidade, mas sim tem sua implantação desde a gênese do sistema capitalista, com ênfase especial para os primórdios de formação da burguesia que, oriunda de uma classe subserviente da Idade Média (MARX, 2005), sua ascensão se sustentou nos modos de acumulação.

É a partir dessa informação que pode ser inserido aqui que as mercadorias são historicamente a mola propulsora do sistema capitalista vigente, pois se Marx afirma que a partir da formação emergente dos então burgos foi utilizada as explorações expansionistas colonizadoras, principalmente as realizadas pelas expedições náuticas, a história ratifica que tais ações foram impulsionadas não só pela conquista de outros territórios em si, mas principalmente para a obtenção de mercadorias e expropriação de terras, como pode ser visualizado nas palavras de Marx e Engels, a saber:

A descoberta da América, a circunavegação da África abriram um novo campo de ação à burguesia emergente. Os mercados das Índias Orientais e da China, a colonização da América, o comércio colonial, o incremento dos meios de troca e das mercadorias em geral imprimiram ao comércio,

à indústria e à navegação um impulso desconhecido até então; e, por conseguinte, desenvolveram rapidamente o elemento revolucionário da sociedade feudal em decomposição. (MARX; ENGELS, 2005, p.41)

Ao passo em que se traz o papel crucial das mercadorias e sua intervenção na sobrevivência do homem, se faz necessário aqui fazer algumas ponderações que delineiam sob que aspectos o processo formativo das mesmas aconteceu, pois mesmo que já evidente historicamente que as mercadorias permearam relações até mesmo expansionistas, ainda assim é pertinente compreender como estas se constituem. Nas palavras de Marx é possível visualizar seu pensamento acerca de como funcionavam o processo de obtenção das mercadorias e como estas se configuravam, reiterando que o modo como estas se apresentavam ainda se apresentam nos dias atuais, uma vez que Marx traz:

O processo de troca da mercadoria se consuma, portanto, em duas metamorfoses contrapostas e mutuamente complementares: conversão da mercadoria em dinheiro e reconversão do dinheiro em mercadoria.

Os momentos da metamorfose das mercadorias são simultaneamente transações dos possuidores de mercadorias – venda, troca da mercadoria por dinheiro; compra, troca do dinheiro por mercadoria –, e a unidade dos dois atos: vender para comprar. (MARX, 2008, p.142).

Na medida em que se apresenta as palavras de Marx em relação aos desencadeamentos de valor, produto e a mercadoria em si, um fator se faz preponderante, o dinheiro. Cabe aqui trazer que tal fator se faz necessário em decorrência do sistema capitalista ditatorial dos parâmetros de subsistência do homem logo que consolidado. E é sob este aspecto que reitera-se a necessidade do pensamento marxiano para entender as nuances de tal sistema, pois a compreensão da teoria de Marx acerca do modo de funcionamento do capital se faz mais fácil nos tempos atuais em decorrência dos rumos aos quais tal sistema seguiu ao longo dos séculos (HARVEY, 2018), permitindo que esse sistema fosse analisado em diferentes realidades, pois a globalização e expansão geográfica do mesmo o coloca sob a luz do mundo, podendo ser visualizado seus mínimos detalhes e suas especificidades.

Assim, quando trazido de que é necessário tratar o assunto das mercadorias, valor, dinheiro e demais componentes determinantes do capital com cuidado e minuciosidade, é justamente naquilo que representam as obras de Marx que buscam a compreensão do sistema e seus modos de atuação na sociedade real. Então, no que se refere a definição de mercadoria e suas nuances, é necessário entender que não há um tratado preciso de como ela se porta ao longo da história humana a não ser nos seus pilares básicos: produto/mercadoria, oferta, compra/venda e dinheiro. A mercadoria é a matéria prima do capital, pois:

A circulação de mercadorias é o ponto de partida do capital. Produção de mercadorias e circulação desenvolvida de mercadorias – o comércio – formam os pressupostos históricos a partir dos quais o capital emerge. O comércio e o mercado mundiais inauguram, no século XVI, a história moderna do capital. (MARX, 2008 p.168)

Ao passo em que se apresenta aqui as características de formação de mercadorias e sua função determinante para a vida em sociedade é possível perceber também que ao mesmo tempo em que se expõe especificamente, de pano de fundo se nota o *modus operandi* do capital e como ele age nas práticas cotidianas. Reitera-se que mostrar a complexidade, mas também a concretude de como a mercadoria integra a engrenagem da máquina capitalista é um elemento informativo para se entender aqui como se dar este processo, pois como traz Marx

“O processo inteiro, que começa com o recebimento de dinheiro em troca de mercadoria, conclui-se com o dispêndio de dinheiro por mercadoria” (MARX, 2008, p.169).

Ou seja, na sociedade capitalista a mercadoria precede o dinheiro que garante mais mercadoria e que em síntese se correlaciona com os meios de subsistência do homem o colocando em um eterno ciclo de compra e venda, quebrado somente com a presença da mais-valia (MARX, 2008). Harvey (2018), traz que tal sistema em sua ascensão foi responsável pela divisão entre valor e mais-valor, ou seja, não bastasse o valor até então atribuído naquilo que Marx enfatizou como referente a dedicação (de tempo e técnica) na confecção de tal produto e sua aplicabilidade, soma-se a isso a mais-valia, o excedente.

Quanto a este item, necessita-se de uma explicitude mais aprofundada, mas dito de forma sucinta, o “mais valor” e/ou “mais-valia” se refere ao “lucro”, ou seja, o valor excedente que se coloca em cima de um produto que tinha um preço determinado e que é alterado na medida em que é colocado 10% em cima, por exemplo: nas palavras de Marx: “O valor originalmente adiantado não se limita, assim, a conservar-se na circulação, mas nela modifica sua grandeza de valor, acrescenta a essa grandeza um mais-valor ou se valoriza.” (MARX, 2008, p.170).

Por este viés, a questão do valor se torna parte pertinente para se entender a mercadoria, uma vez que de acordo com o pensamento de Marx (2008), o valor está imbricado na composição de mercadoria, como segue: “Ora, se tomarmos as formas particulares de manifestação que o valor que se autovaloriza assume sucessivamente no decorrer de sua vida, chegaremos a estas duas proposições: capital é dinheiro, capital é mercadoria” (p,172).

O dinheiro se torna preponderante pela sua capacidade versátil de se adaptar as demandas, ou seja, o dinheiro é sinônimo da possibilidade de aquisição de mercadoria e é justamente neste ponto que Harvey mostra que o capitalista de posse desse subsídio adquire dois tipos de mercadoria fundamentais: força de trabalho e meios de produção.

Harvey (2018) argumenta que os meios de produção são as mercadorias que são provenientes da natureza (na sua forma material/bruta) e quem as detém tem o poder de negociação do valor a elas atribuído, uma vez que de posse dos meios de produção o capitalista pode obter também a força de trabalho, ou seja, por um determinado período de tempo o dono do capital é também dono do seu prestador de serviço.

Necessário pontuar que sob este aspecto o dono do capital tem um subsídio duplo, pois mesmo que em sua posse ele tenha a mercadoria na sua forma natural, sem nenhuma lapidação, ele também detém os meios para isso, que é justamente a força de trabalho configurada em ferramenta para a confecção do produto final. Entende-se que por este prisma que os donos de produção transformam mercadoria (nesse caso a força de trabalho) em mais mercadoria, o que coaduna perfeitamente com o que o sistema capitalista espera.

Contudo, para compreender a circularidade que Harvey delineou para entender as práticas capitalistas, é preciso visualizar como ocorrem tais processos e como os mesmos se materializam. Entender como o dinheiro se transforma em mercadoria e depois novamente em mercadoria, bem como isso se concretiza na realidade. Para uma visão panorâmica, segue a fala do autor:

Uma vez que a força de trabalho e os meios de produção estejam devidamente reunidos sob a supervisão do capitalista, eles são postos para funcionar num processo de trabalho que visa produzir uma mercadoria para venda. E aqui que o valor é produzido pelo trabalho na forma de uma nova mercadoria. (HARVEY, 2018, p.22)

O autor citado, utiliza a metáfora da lagarta e a crisálida para delinear as mercadorias, enfatizando que antes de qualquer coisa há a matéria-prima que passa pelo processo de lapidação/produção – logo, o trabalho – e se materializa na mercadoria/produto em si. E até mesmo o próprio dinheiro é uma mercadoria (HARVEY, 2018) e que, por conseguinte, tem um preço/valor e este valor é o juro – o que configura uma relação dúbia, o capitalista ganha tanto na produção em si, como no valor excedente proporcionado pelo trabalho no processo de confecção/lapidação da mercadoria.

Ainda sobre este seguimento, que se traz Marx a seguir destacando a relação que ocorre entre vendedor e comprador como uma relação, acima de tudo, de necessidade, uma vez que se tem de um lado um sujeito que possui determinado produto, mas necessita de outro produto e ele só consegue este outro produto se tiver dinheiro para adquirir o que ele almeja, do outro lado há a mesma situação, então ocorre uma relação de conveniência onde ambos vendem suas mercadorias, conseguem o dinheiro e dão continuidade ao ciclo com outros sujeitos.

E isso só ocorre, segundo Harvey (2018), por que independente do tempo dispendido para a confecção de um produto/mercadoria se ela não tiver procura não será levado em consideração tal produção. Logo, de forma simples, entende-se a máxima de para que exista venda tem que ter procura. Como trazem as palavras de Marx em “O Capital”:

Em todo caso, no mercado de mercadorias confrontam-se apenas possuidores de mercadorias, e o poder que essas pessoas exercem umas sobre as outras não é mais do que o poder de suas mercadorias. A variedade material das mercadorias é a motivação material para a troca e torna os possuidores de mercadorias dependentes uns dos outros, uma vez que nenhum deles tem em suas mãos o objeto de suas próprias necessidades, e que cada um tem em suas mãos o objeto da necessidade do outro. Além dessa diferença material de seus valores de uso, existe apenas mais uma diferença entre as mercadorias: a diferença entre sua forma natural e sua forma modificada, entre a mercadoria e o dinheiro. Assim, os possuidores de mercadorias se distinguem simplesmente como vendedores, possuidores de mercadoria, e compradores, possuidores de dinheiro. (MARX, 2008, p.176)

É possível depreender que sob este prisma ao mesmo tempo em que o sujeito é vendedor é também comprador e, também, o inverso. Contudo, algo ainda preponderante e crucial são as mercadorias, pois ao passo em que se observa o modo de funcionamento do sistema capitalista – como Marx o fez -, logo é percebido que elas acompanham as mudanças condicionantes do sistema e se (re)configuram à medida em que as demandas sociais surgem – logo, as mercadorias não são restritas à produtos concretos, mas sim atende as necessidades deste homem (mesmo na contemporaneidade) como apontado acima por Marx.

O pensador alemão, traz que a priori a mercadoria pode ser vista com simplicidade se esta for encarada como valor de uso, ou seja, na sua utilização como forma de sanar uma necessidade – nas suas palavras:

Uma mercadoria aparenta ser, à primeira vista, uma coisa óbvia, trivial. Sua análise resulta em que ela é uma coisa muito intrincada, plena de sutilezas metafísicas e melindres teológicos. Quando é valor de uso, nela não há nada de misterioso, quer eu a considere do ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas por meio de suas propriedades, quer do ponto de vista de que ela só recebe essas propriedades como produto do trabalho humano. É evidente que o homem, por meio de sua atividade, altera as

formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil. (MARX, 2008, p. 121)

Após essas palavras de Marx, é possível afirmar que a mercadoria é parte fundamental para os meios de subsistência humana por suprir de alguma maneira uma necessidade e que a partir disso se justifica a confecção de produtos e demais elementos que transformados em mercadorias e com valor atribuído é passível de troca e/ou venda – se pensado que a venda é troca por dinheiro e que este será trocado por mercadoria posteriormente, o “M-D-M” (MARX, 2008, p.143)¹.

Desse modo, Mészáros (2005) atribui ao capital que mantém a mercadoria como fator principal e determinante na vida do sujeito. E Sánchez Vásquez (2011), comunga com o pensamento de Mészáros (2005), quando expõe que na sociedade capitalista e/ou a “sociedade das mercadorias”, tudo que é produzido pelo homem automaticamente lhe é atribuído um valor e, como visualizado umas linhas acima no pensamento de Harvey (2018), desse modo nenhum tipo de ação desenvolvida pelo indivíduo passa despercebido aos olhos do capital.

Reitera-se que não é intensão aqui propagar visões fatalistas e/ou qualquer outra conotação atrelada ao caos social, mas sim mostrar como bem faz o materialismo histórico dialético de Marx, a realidade e suas especificidades surgidas na maioria das vezes por um condicionamento das práticas humanas que obedecem de um modo ou de outro as diretrizes de um sistema, neste caso, o capitalista. Tal sistema faz com que:

Em um mundo regido pelas necessidades práticas imediatas – em um sentido estritamente utilitário – não só as atividades artísticas e a política, particularmente a revolucionária, são improdutivas ou impráticas por excelência, uma vez postas em relação com os interesses imediatos, pessoais, carecem de utilidade já que seus atos só produzem prazer estético ou em um caso, ou fome, miséria e perseguições no outro” (VÁSQUEZ, 2011, p.36)

Para ratificar esse pensamento, Mészáros (2005) afirma que o sistema capitalista é incorrigível, incontrolável e irreformável. Quando abordada esta perspectiva do caráter irreformável do capital é em decorrência de que o mesmo não tem conserto ou mesmo outros modos de atuação, uma vez que sua atuação consiste na exploração global e com isso se está dizendo etimologicamente a partir do que traz Mészáros (2015) no concernente de que o capitalismo extrai recursos naturais em nome de sua lógica consumista. Nesse sentido ele argumenta que:

Vivemos sob condições de uma desumanizante alienação e de uma subversão fetichista do real estado de coisas dentro da consciência (muitas vezes também caracterizada como "reificação") porque o capital não pode exercer suas funções sociais metabólicas de ampla reprodução de nenhum outro modo. Mudar essas condições exige uma intervenção consciente em todos os domínios e em todos os níveis da nossa existência individual e social. (MÉSZÁROS, 2005, p.59).

Esta é a realidade vivenciada pelo indivíduo que está à mercê da lógica capitalista estruturada na produção desenfreada de riquezas e no consumismo que garante a inalterabilidade das ações cotidianas, adensada pelo viés conformista implantado através da

¹ Dinheiro para comprar mercadoria, em seguida vender mercadoria para ter mais dinheiro, o D-M-D significa em síntese, uma das bases centrais do sistema capitalista: dinheiro, mais mercadoria, mais dinheiro, configurando assim o pilar central do capital, a mais-valia/ valor excedente e/ou lucro – ver mais em Marx (2008).

doutrinação que garante a condição social do capital sob a égide de “ordem natural” (MÉSZAROS, 2005).

Desse modo, cabe aqui inferir que mediante tais condições e sob os parâmetros apresentados é possível afirmar que no sistema capitalista todos são vendedores e compradores, logo uma dualidade se instala e quem não se encaixa em tais determinações está fadado às intempéries da vida social capitalista.

O que leva ao ponto seguinte, na vertente de que no capital tudo vira mercadoria passível de compra e venda, até mesmo o ser humano se torna mercadoria e lhe é subtraída a humanidade. Cabe aqui trazer um exemplo explícito desta condição, pois neste quesito, o Brasil, juntamente com as américas adjacentes, protagonizou de maneira explícita o ser humano enquanto mercadoria no seu sentido denotativo, através da escravização de pessoas, onde não só a força de trabalho em si, mas corpos negros foram responsáveis pela expansão econômica e potencialização das práticas capitalistas no mundo moderno através das ditas novas rotas comerciais, uma vez que: “O mercado de carne humana para o trabalho, no tráfico negreiro, contribuiu de forma decisiva para o crescimento do poder absoluto do homem sobre o homem no mundo liberal.” (BOTELHO, 2019, p.174)

Dessa maneira, vidas humanas foram reduzidas a simples condição de mercadoria, agudizado pelo processo de obtenção desta, que foi o tráfico negreiro – exacerbadamente exposto na literatura dada sua problemática execução, em destaque os inúmeros mecanismos determinantes que lesaram um povo não só pelo viés condicionante de violência física, mas também através da colonização das mentes dos indivíduos que expropriou até mesmo seu modo de ser (MIGNOLO, 2008).

Vale destacar aqui que a transformação do negro em escravo e sua captura em sua terra natal, pode ser comparado com que Marx (2013) traz na “Assim Chamada Acumulação Primitiva”, gênese do sistema capitalista, uma vez que houve a expropriação de terras livres e pequenas propriedades e até mesmo trabalhos artesanais, que no processo de escravização do povo africano também ocorreu de maneira semelhante, pois a matéria prima (os corpos negros) já estavam produzidos esperando somente a “colheita da safra”.

Assim, aproximadamente mais de três séculos de escravização (ANDRADE, 2021) garantiram ascensão econômica brasileira, pois sendo o Brasil (até a atualidade, inclusive) um país ruralista e detentor de produções que dependiam de mão de obra qualificada – e nesse caso quer dizer conhecedora do ambiente, algo que o povo negro levou séculos de acesso à terra e suas nuances – eis então uma força de trabalho dotada de experiência e contingente mais que suficiente.

Neste cenário, o negro colocado na condição de escravizado, assume à duas funções determinantes de execução econômica no sistema do capital, o valor de uso e valor de troca. No caso de valor de uso, são justamente os trabalhos desenvolvidos pelo escravizado nas mais variadas funções, e no caso de valor de troca, consiste no seu valor enquanto mercadoria a ser vendido no mercado como forma de obtenção de dinheiro – e o ciclo do “M- D-M” reinicia.

Realizados apontamentos sobre o que se entende aqui enquanto mercadoria na sociedade capitalista, entra por tanto o objeto de estudo desse texto, a Capoeira. A supracitada, como qualquer outra prática, se tornou um produto de compra e venda (ARAÚJO, 2008) e não poderia ser diferente levando em consideração o pensamento de Mézáros (2005) quando traz o sistema vigente é dependente das mercadorias. Nesse sentido, Brito e Granada (2020) contextualizam que a adesão pela população brasileira e posteriormente estrangeira à Capoeira acontece por volta dos anos 70 e 80, endossada pelo viés turístico protagonizado mais explicitamente por capoeiristas baianos que em busca de

reconhecimentos (inclusive financeiros), passam a agir cada vez mais no sentido desportivo estético e artístico da prática.

Neste segmento, ocorre um processo de emigração de capoeiristas que através da Capoeira passam a cogitar a possibilidade de viver em outros países utilizando a prática como meio de sobrevivência. Vale chamar atenção que tal fenômeno aconteceu não só com a Capoeira, mas sim com outras práticas, a saber “o capoeirista brasileiro torna-se um produto de exportação, assim como a mulata dançarina de samba, o músico e o jogador de futebol” (BRITO; GRANADA, 2020. p. 15).

Após a afirmação acima trazer de forma explícita (e até estigmatizante)² sob como a Capoeira se mercantilizou, ao passo em que a mesma passa de uma simples prática de vadiagem³ para algo a ser disseminado em espaço fechado com a realização do ensino e aprendizagem como traz Campos (2009) que mostra que a partir do momento que o Mestre Bimba coloca esta prática em um espaço específico, confecciona um método, delinea os parâmetros e impõe um valor a ser pago para obtenção das entões, aulas. Dá-se, assim, o processo de venda de uma mercadoria/produto (ARAÚJO, 2008).

A Mercadoria Capoeira

De acordo com o que foi posto, para que uma determinada ação e/ou produto seja configurado como mercadoria é necessário que haja dispêndio de força de trabalho na confecção/constituição, o trabalho em si, que segundo Marx o seu sentido ontológico se configura como atividade transformadora da natureza em prol do conforto do homem, e somente a partir da divisão social do trabalho no sistema capitalista começa o processo de transformação do mesmo culminando no seu estranhamento/alienação, que por sua vez, desencadeia as etapas que subsidiam venda e, por conseguinte, compra.

Após este entendimento, e partindo do princípio de que a Capoeira se configura enquanto mercadoria na sociedade capitalista, aponta-se os pilares necessários para esta prática:

- a) Dispêndio de força de trabalho;
- b) O trabalho em si;
- c) A venda;

Contudo, é necessário conhecer os condicionantes que a transformaram em mercadoria, uma vez que mesma é oriunda de raízes ancestrais afros (que em sua gênese são antagônicos às práticas capitalistas eurocênticas).

Em consonância com o questionamento, a Capoeira não escapou do capital, porque segundo Darcy Ribeiro (2006) as moedas da máquina capitalista trituram tudo e transforma em matéria prima para seu dispor/propósito. Nesse sentido, Magalhães e Araujo (2020), trazem que a sociedade brasileira é baseada em práticas capitalistas destrutivas, especificamente que a mesma é assentada em práticas escravistas e que é a dualidade na divisão social e técnica do trabalho que determina a vida do sujeito, uma vez que a sociedade brasileira é dividida em duas classes: dos capitalistas (donos de produção) e da trabalhadora (os que vendem força de trabalho).

² Faz-se necessário evidenciar que não se concorda ou compactua com esta visão estereotipada e estigmatizante, por ser uma visão tipicamente capitalista e desrespeitosa com os sujeitos mencionados, mas que foi necessária para se entender como essas práticas são encaradas no ambiente cotidiano do capital.

³ Práticas realizadas na rua como opção de lazer dos povos ex-escravizados ou descendentes, e que realizavam danças e demais ações em coletivo, sendo a Capoeira parte destas ações. Ver detalhadamente em Araújo (2006).

Tal determinismo é subsidiada pelo formato social e educacional protagonizado pela sociedade brasileira que institui explicitamente e/ou implicitamente quem deve integrar os meios de produção e em quem vive do trabalho, o que implica uma divisão imposta que estrutura a qual função os filhos da classe trabalhadora devem se integrar – na sua maioria na venda da força de trabalho ensejada na prestação de serviços, pois:

A educação profissional no Brasil, nasce assentada na divisão social do trabalho e conseqüentemente na divisão da sociedade em classes, fundamentalmente de duas classes: os capitalistas e a classe-que-vive do-trabalho, portanto ela surge com caráter dual, fragmentada, com a finalidade de atendimento de demandas de formação de mão de obra para o capital, nasce assentada na ideia de que os filhos dos trabalhadores não necessitam de uma educação intelectual, ampla, mas de uma educação instrumental e manual, que os direcione para o emprego.(MAGALHÃES; ARAÚJO, 2020, p.11)

Sob esta percepção é que se entende aqui como necessária para se iniciar o delineamento de como a Capoeira se transformou e/ou foi transformada em mercadoria.

Outro fator que explica a condição da Capoeira sob os parâmetros que a mesma se encontra na atualidade, ocorre a partir do modo como foi pensada e construída a sociedade brasileira, pois basta uma consulta sucinta aos históricos de formação do Brasil para se inteirar que o país foi construído sob parâmetros eurocêntricos com vários mecanismos condicionantes moldadores de um modo específico de população almejada para integrar o país – inicia-se então política do branqueamento (VEIGA, 2019) e o famigerado Mito da Democracia Racial (NASCIMENTO, 1978).

Um desses mecanismos foi a indústria cultural que se instalou a partir de um pensamento nacionalista protagonizado, principalmente, na Era Vargas que foi responsável por instalar uma onda identitarista que visava instituir uma identidade nacional para o povo brasileiro. Sob este aspecto foram realizadas várias ações que brasilizava determinadas práticas e a Capoeira foi uma dessas (FONSECA, 2008).

A questão da indústria cultural, Silva (2021), destaca que a cultura foi mercantilizada e imbuída de servir ao regime vigente como meio de controle da população, sendo a mídia parte fundante deste objetivo por trazer em sua composição um conteúdo raso, circundante, conformista e repetitivo que fez com que a classe trabalhadora se conformasse com sua própria condição impedindo qualquer reflexão ou aprofundamento de pensamento acerca de sua própria realidade, nas palavras do autor: “A fábrica retira a mais-valia da massa de trabalhadores negros, o Estado os mata ou os encarcera e a Indústria Cultural busca legitimar tais práticas”. (SILVA, 2021, p.239).

Expostos estes condicionantes, julgado aqui como pertinente para se entender sob que parâmetros a Capoeira foi (e ainda é) submetida, em seguimento se traz como a mesma adquire sua condição de mercadoria – partindo da premissa de que para se ter valor de troca é necessário antes ter valor de uso, o viés histórico do surgimento Capoeira precisa ser resgatado, a saber.

A Capoeira surge como necessidade de se contrapor a um sistema opressor (a escravidão) de exploração não só da força de trabalho, mas também de extremas violências e maus tratos sofridos pela população escravizada surgindo assim a Capoeira como uma maneira de autodefesa/proteção (ABIB, 2004), neste momento surge o que Soares (2001) chama de “capoeira escrava”, com ênfase especial para a cidade do Rio de Janeiro. Neste aspecto, se entende aqui tal prática como valor de uso, uma vez que a mesma surge para atender uma necessidade e sua utilidade.

Avançando na história, logo após a extinção oficial da escravidão no Brasil, a Capoeira tem seu caráter marcial/bélico comprovado até então devido as lutas e demais rebeliões e fugas, formação de quilombo dentre outras insurgências. Fato este que foi de extrema relevância para o futuro da mesma, pois segundo Araújo (2006), logo após a extinção escravista uma das funções que a Capoeira assume é seu caráter efetivo de luta contundente a ponto deste aspecto ser utilizado como subsídios para negros recém libertos serem contratados como seguranças particulares e/ou como denomina o autor “leões de chácara” - Eis então os primeiros indícios da Capoeira passando de valor de uso (autodefesa) para valor de troca (a venda da força de trabalho).

Em sua definição, Araújo (2006) ainda aponta uma característica determinante para se entender o processo de constituição da Capoeira como se conhece na atualidade, que consiste em expor os modos diferentes de Capoeira levando em consideração os três estados de surgimento da mesma – a saber, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco (IPHAN, 2014) – quando o mesmo delineia o perfil destes praticantes, dizendo que a Capoeira carioca tinha um caráter mais bélico/luta e de arruaças (não por acaso o surgimento das Maltas e posterior proibição surgiram lá), a da Bahia com um viés mais folclórico/lúdico e a de Pernambuco pautada em disputas individuais e encarada como prática de valentões.

Em decorrência dos transtornos que a Capoeira trouxe (arruaças, brigas, disputas de territórios, assassinatos e demais desordens para o então período republicano) em especial a carioca, a mesma vai parar no código penal, onde permanece por um período significativo (cerca de 40 anos – FONSECA, 2008) até o surgimento de uma figura determinante, o Mestre Bimba.

O Mestre Bimba foi o responsável por impulsionar a retirada da Capoeira do código penal por ter criado uma “nova” Capoeira e devido as características específicas dessa prática, a mesma sai da proibição e adentra os espaços fechados e academias sob uma nova maneira de se praticar. Por este parâmetro, ancorado no pensamento de Araújo (2006), a Capoeira se torna de fato uma mercadoria como se conhece na atualidade a partir do século XX, posterior a sua fase escravista, recém liberta e pós proibição.

Neste sentido e, em conectividade, com o início desta seção, que traz sob que formato se constitui a sociedade brasileira, é neste ponto que a Capoeira sofre um processo entendido aqui como aculturação, pois mesmo que a mesma tenha mantido seu caráter efetivo enquanto luta e demais nuances que a tornam única, a mesma sofre adaptações desde sua gênese influenciada principalmente pelo sistema dominante, o capitalista e seu modo nato de exploração.

Assim, Araújo (2006), traz que Mestre Bimba logrou êxito por utilizar de sua sagacidade e criar condições propícias, pois a criação da Luta Regional Baiana (CAMPOS, 2009) para diferenciar da Capoeira praticada a época contida no código penal propiciando o que se conhece hoje como Capoeira Regional. Contudo, as especificidades de como isso ocorreu tem na conjuntura social da época o grande segredo, pois a dita Capoeira Regional do Mestre Bimba passa a ter notoriedade e visibilidade não só pelo seu formato até então apresentado, mas também em decorrência da sua entrada no ambiente universitário.

Essa entrada se faz importante historicamente, pois são justamente esses praticantes então alunos de Mestre Bimba que vão coloca-la no seio da elite da época, pois estes são acadêmicos do curso de Medicina, o qual foi ofertado unicamente pela Universidade Federal da Bahia (ARAÚJO, 2006). O autor menciona que a Capoeira de Mestre Bimba logo cai nas graças desses indivíduos que imbuídos do imaginário acerca da prática e em seu caráter místico, acaba por ser objeto de desejo de apropriação de um público burguês que na sua empáfia compra-se tudo, até a cultura. Sendo que Mestre Bimba que precisava de dinheiro

– carvoeiro, estivador, trabalhador braçal – por sua vez, por necessidade vende sua força de trabalho através dos saberes que dispunha a época.

Entretanto, a Capoeira aculturada/adaptada como mencionado antes, se configura assim por ter atendido as demandas sociais da época entendendo que a mesma passou de valor de uso (autodefesa) para valor de troca (primeiramente através de sua condição de guarda-costas e posteriormente através das aulas de Capoeira e seu consumo para fins estéticos culturais). Parte desse sistema de adaptação ocorre através das metodologias definidas, uniformes, execução em espaços próprios e até mesmo uma disciplina militarizada aprazível ao momento vivido a época (década de 30), onde se necessitava de trabalhadores viris aptos ao trabalho duro, mas disciplinado/moldados/docilizados (ARAÚJO, 2006) – Daí veio a calhar essa Capoeira institucional “organizada”.

Em síntese, a Capoeira oriunda de uma necessidade, prova seu caráter bélico e marcial na época repressiva escravista, logo após a abolição ela se mostra como arma forjada na época repressiva e que está apta a ser vendida e comprada como tal, ao passo em que a mesma se mostra eficaz e até letal e começa a atrapalhar o desenvolvimento social a mesma é circundada e reprimida com a intenção de sua exclusão, uma vez que não se tem mais uso e/ou finalidade. É então esse é um período de metamorfose que a mesma passa e ressurge de uma outra maneira, agora ainda com sua característica bélica, mas como mercadoria a ser comprada, tal qual uma arma de guerra não mais necessária, mas muito cobiçada por colecionadores, neste caso os adeptos/praticantes.

Ainda utilizando desta analogia, para que a Capoeira sobrevivesse e voltasse a ser vista em público e não causasse nenhum transtorno social, a mesma teve que adaptar-se (a arma ganhou novos adornos e nem toda hora está carregada com projétil real, somente pólvora para divertir os pagantes). Esta é a Capoeira que sai da ilegalidade nos anos 30 na Bahia e que logo depois se espalharia por todo território nacional e internacional (IPHAN, 2014) com sua eficácia de antes dos períodos de repressão, mas com o controle das eras modernas, pois mesmo que a mesma ainda forjasse exímios guerreiros, suas performances não poderiam ultrapassar as rodas ou os quatro cantos das academias.

Por este prisma a Capoeira ressignificada por Mestre Bimba, mas não restrita a ele, pois mesmo o Mestre Pastinha, âncora da Capoeira Angola, também fez adaptações em sua Capoeira (ARAÚJO, 2006) e, de fato, essas “novas” capoeiras tem caráter burguês porque atende a um modo de agir e pensar de modo instrumentalista pautado na lógica capitalista, uma vez que, segundo Araújo (2006), até a questão hierárquica da Capoeira é pautada na lógica militarista/tecnicista e por conseguinte, capitalista.

Assim, realizada esta exposição sucinta sobre que parâmetros se visualiza a Capoeira e de qual sociedade esta faz parte, aqui se retoma a questão de como a Capoeira se apresenta enquanto mercadoria no cenário cotidiano. Entendendo também que dentro dessa exposição cabe não só expor a Capoeira em si como produto materializado/lapidado, mas também como se constitui enfatizando quais os mecanismos/matéria-prima que compõe essa mercadoria.

Então, logo que a Capoeira se torna nacional e internacional ocorre também a formação de várias escolas de Capoeira, (os ditos grupos) (BRITO, GRANADA, 2020), que vão então protagonizar uma característica visualizada por quem faz parte do cenário capoeirístico, que são os super grupos e/ou escolas de Capoeira de caráter internacional que são responsáveis pela inserção e permanência da Capoeira nos mais longínquos países e (FERNANDES, 2014).

É neste cenário que se torna preponderante e aqui se adentra a conexão com a Capoeira enquanto mercadoria em um ambiente onde o sistema capitalista dita as regras, pois o formato em que a prática é difundida e se mantém, não só no exterior, mas até mesmo aqui

no país, é através de uma organização gerencialista de cunho empresarial. Ou seja, as aulas são o produto final desta mercadoria, mas até lá existe um caminho pavimentado por uma organicidade nos aspectos empresariais.

As então escolas/grupos de Capoeira expandem sua prática utilizando um viés empresarial que, em sua maioria utiliza um esquema piramidal e tem nas franquias (ARAÚJO, 2008) como fator determinante para sustentabilidade desta prática em seus respectivos lugares, destacando que esse modo de ação é mais visível nos grupos/escolas internacionais.

A Capoeira que adentra os mais diversos espaços (a escola, inclusive) atende a uma lógica burguesa voltada para a classe dominante e nunca para o trabalhador (só observar as academias, quem pode pagar?) e cada vez mais suas exigências/capacitações trazem demandas de uma sociedade pautada no capital – a expansão da Capoeira pelo mundo se dá pelo modo como a mesma se adaptou a globalização e atende a uma lógica mercadológica, desde os métodos de ensino até o modo como se realiza uma aula é oriundo de metodologia militar e começou com Mestre Bimba (ARAÚJO, 2006; FONSECA, 2009).

Entretanto, visualiza-se que a prática detém em sua composição uma gama de saberes engendrados e aprimorados através das décadas e que ao passo em que os condicionantes sociais (economia e viés ideológico) foram se apresentando, a Capoeira foi se adaptando, se moldando as condições que lhe era apresentada. Quando se traz seu formato atual mostrando como funciona sua permanência no cotidiano social vigente não se está vilipendiando seus saberes/valores consolidados ao longo de sua constituição, mas sim, colocando a mesma à luz dos aspectos condicionantes das práticas capitalistas normatizadas e endossadas na sociedade em curso.

CONCLUSÃO

Diante do exposto é possível entender que a Capoeira enquanto prática secular carregada de saberes ancestrais constituídos, na medida em que se adaptava a sociedade vigente, aderiu também as condições as quais foi submetida assumindo uma forma que lhe garantiu sua longevidade – mesmo que isso tenha lhe atribuído a condição de mercadoria.

Entretanto, argumenta-se aqui que reduzir essa prática a somente essa condição seria um ato desrespeitoso para com as lutas as quais a mesma perpassou e logrou êxito. A partir desse posicionamento, se faz necessário pontuar que essa trajetória foi marcada por adaptações e perdas que a levaram a condição tratada neste escrito, mas que sua pluralidade resguarda sua essência de prática peculiar.

Vale destacar também que a abordagem escolhida aqui teve como parâmetro o viés materialista que buscou esmiuçar de que maneira a Capoeira se mantém viva na sociedade vigente, que como demonstrado, é extremamente estruturalista e faz com que as manifestações presentes na mesma também não tenham outra opção. Quando se fala do viés formativo da Capoeira se refere ao seu modo peculiar de se apresentar frente as práticas sociais não obedecendo parâmetros (na sua maioria ocidentais e pautados na cultura eurocêntrica capitalista) que são mais visualizados em outras lutas (como por exemplos as de origem orientais) – uma vez que a mesma traz no seu escopo além do característico aspecto físico, uma pluralidade de saberes ancestrais constituídos desde o período de sua formação e consolidado no decorrer do percurso.

Ressalta-se ainda que o tratamento para com o universo da Capoeira raramente abarca toda sua gama de saberes dada também a complexidade ontológica a qual essa prática é oriunda – que explica uma literatura própria que trata tais especificidades entendendo que a Capoeira detém muitos aspectos a serem explorados/entendidos.

Necessário também ressaltar que dentro das ponderações desse escrito foi possível observar como a Capoeira se configura na atualidade, mas sem perder sua essência enquanto luta de resistência, uma vez que é possível observar que sua abrangência foi capaz de romper as fronteiras geográficas e culturais e se instalar em ambientes longínquos e isso não se deu somente através da centrifugalidade do capitalismo, mas e principalmente pelo seu composto peculiar atrelado ao capoeirista enquanto agente desbravador.

Quando trazida a Capoeira enquanto mercadoria e sua função na sociedade vigente, é possível perceber também que a mesma sofreu (e ainda sofre) um processo de endoculturação e suas ações são influenciadas a cada época configurando sua funcionalidade para as respectivas demandas. É por esse prisma que quanto trazido sua faceta mercantilizada é justamente para demonstrar os pormenores que subsidiam o processo de estabilidade da Capoeira na sociedade vigente.

A globalização e as mudanças estruturais fizeram desaparecer práticas que não suportaram as reificações da realidade e, através dessa linha de pensamento e observando o lado funcional/estrutural que a Capoeira surgiu, é de se deduzir que a mesma estava fada a extinção.

Entretanto, se viu seu processo adaptativo e suas ressignificações que garantiram sua permanência até a atualidade como símbolo de resistência e existência. Nesse viés é preciso compreender que mesmo a Capoeira se configurando por vezes em mera mercadoria passível de compra e venda, ainda assim a mesma carrega no escopo a diversidade e legitimidade de um povo.

Exalta-se também que trazer a Capoeira para ser observada sob o pensamento materialista e indagar sua função na vida das pessoas na sociedade vigente é sair de uma zona de conforto enquanto conhecedor da prática e colocar em questão os saberes até então consolidados. Óbvio que não sob o viés negacionista ou um cientificismo pragmático, mas sim, a partir da intenção de conhecer os parâmetros práticos como a mesma se apresenta.

Nesse sentido e entendendo que possam existir pensamentos discordantes da abordagem aqui realizada, ainda assim se faz necessário compreender que versar sobre uma prática complexa como a Capoeira é preciso ter a sensibilidade de que a mesma ao passo em que se transforma, também transforma, perfazendo assim um caminho tortuoso de metamorfose que se mostrou necessário para sua prevalência.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Capoeira Angola: cultura popular no jogo dos saberes na roda*. 173p. Tese. Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

ANDRADE, Bárbara Souza de. *Pirâmides Financeiras e Marketing Multinível: Um estudo acerca do dano social e da responsabilidade civil no Direito Privado, frente às demandas da sociedade de consumo e de informação*. 111p. Monografia. Bacharelado em Direito, Universidade Federal de Uberlândia. Minas Gerais, 2018.

ANDRADE, Rosana Soares Pinheiro. A subordinação de raça no processo de formação da classe trabalhadora brasileira. *Revista Fim do Mundo, Capitalismo e Racismo: a práxis negra*. [s.l.] n. 4, p.155-175, jan/abr, 2021.

ARAÚJO, Benedito Carlos Libório Caires. *Capoeira e Mercadoria: possibilidades pedagógicas superadoras*. 60p. Monografia. Especialização em Educação Física, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

- ARAÚJO, Benedito Carlos Libório Caires. *A Capoeira na Sociedade do Capital: a docência como mercadoria-chave na transformação da Capoeira no Século XX*. 99p. Dissertação. Mestrado em Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.
- BRITO, Celso de; GRANADA, Daniel. *Cultura, Política e Sociedade: estudos sobre a Capoeira na contemporaneidade*. Teresina: EDUFPI, 2020.
- BOTELHO, Jaqueline. Racismo e Luta Antirracista no Brasil: uma análise necessária para o avanço da estratégia anticapitalista. *Trabalho Necessário*, v.17, n. 34, p. 171-191, [s.l], set/dez, 2019.
- CAMPOS, Hélio. *Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência*. Salvador: EDUFBA, 2001.
- CAMPOS, Hélio. *Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- FALCÃO, José Luiz Cirqueira. *O jogo da Capoeira em jogo e a construção da Práxis Capoeirana*. 408p. Tese. Doutorado em Educação, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação – FAGED, Salvador, 2004.
- FERNANDES, Fábio Araújo. *Capoeiragem In Between: um estudo etnográfico sobre a prática da capoeira na Alemanha*. 238p. Tese. Doutorado em Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.
- FONSECA, Vivian. A CAPOEIRA CONTEMPORÂNEA: ANTIGAS QUESTÕES, NOVOS DESAFIOS. *Recordes: Revista de História do Esporte*, [s.l], v.1, n.1, p. 1-30, junho, 2008.
- FONSECA, Vivian. *Capoeira Sou Eu: memória, identidade, tradição e conflito*. Rio de Janeiro: CPDOC-PPHPBC, 2009.
- HARVEY, David, 1935. *A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI*. Tradução Artur Renzo. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2018.
- MAGALHÃES, Benedita Alcidema Coelho dos S; ARAUJO, Ronaldo Marco de Lima. Práxis artístico-pedagógica na formação de artistas na educação profissional. *Revista Cocar*, Belém-PA, v.14, n.30, p.1-18, set/dez, 2020.
- MARX, Karl. O Capital, Livro I, Seção I, Capítulo I. A Mercadoria. In: MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política: livro I*. 26ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p.157-218.
- MARX, Karl. A assim chamada acumulação primitiva. In: MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política: livro I*. 26ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p.959-1014.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Org. de Osvaldo Coggiola. 4a reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MERLO, Edgar Monforte. *O Desempenho de Franquias no Brasil: um estudo exploratório dos principais condicionantes de performance*. 113p. Tese. Doutorado em Administração, Faculdade de São Paulo. São Paulo, 2000.
- MIGNOLO, Walter. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 287-324, 2008.
- IPHAN. *Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil*. Brasília, 2007.

- IPHAN. *Dossiê: roda de Capoeira e ofício dos mestres de Capoeira*. Brasília, 2014.
- MÈSZÁROS, Istiván. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MÈSZÁROS, Istiván. *A montanha que devemos conquistar*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- NATIVIDADE, Lindinalvo. *Capoeirando eu vou: cultura, memória, patrimônio e política pública no jogo da Capoeira*. 129p. Dissertação. Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do Negro Brasileiro: processos de racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- SOARES, Carlos Eugenio Líbano. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.
- SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. *Filosofia da Práxis*. 2º ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – Clacso: São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2011.
- SILVA, Dayvison Wilson Bento da. Estado, mídia e capital: a construção imagética do negro na sociedade de classes. *Revista Fim do Mundo, Capitalismo e Racismo: a práxis negra*, [s.l.], n. 4, p. 228-253, jan-abr, 2021.
- VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, n. esp., p. 244-248, setembro, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/NTf4hsLfg85J6s5kYw93GkF/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em 14 mai. 2021.

Sobre os autores:

Francisco Márcio Costa da Silva
Universidade Federal do Pará

Élido Santiago da Silva
Universidade Federal do Delta do Parnaíba
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2545-0860>